

EDNALDO MAXIMIANO DA SILVA

O SUBMODO BUSCA EM SANTO AGOSTINHO

ANÁPOLIS

2008

EDNALDO MAXIMIANO DA SILVA

O SUBMODO BUSCA EM SANTO AGOSTINHO

Trabalho de aproveitamento do curso de
especialização em Filosofia Clínica da Faculdade
de Filosofia São Miguel Arcanjo - FAFISMA.

Professor responsável: Lúcio Packer

ANÁPOLIS

2008

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	4
A FILOSOFIA CLÍNICA	5
A HISTORICIDADE DE SANTO AGOSTINHO	14
O SUBMODO BUSCA EM SANTO AGOSTINHO	28
CONCLUSÃO	39
BIBLIOGRAFIA	41

INTRODUÇÃO

Buscar um caminho para ser seguido num mundo em crises de ideais e de valores, onde facilmente se perde o rumo do próprio caminhar. Um caminho que já foi percorrido por muitos homens através dos séculos, e descrito por alguns, no auge de sua alegria e no umbral de sua realização. Um caminho que exige coragem, serenidade e honestidade do caminhante; desprendimento ao iniciar seu percurso, determinação durante o transcurso, realismo e humildade em todos os momentos. Um caminho que, entre as grandes avenidas da vida, conduz ao encontro com a verdade, onde a ânsia de amor se satisfaz e a esperança tem sentido. Um caminho onde, se você decidir percorrê-lo, não se encontrará sozinho. Ainda no meio da noite ou durante a mais feroz tempestade, sentirá o apoio amigo de outros viandantes e a presença indescritível e amorosa daquele que é o objeto de seu caminhar: Deus.¹

O caminho que se pretende percorrer neste trabalho é, em primeiro lugar, definir de forma panorâmica a filosofia clínica. Aqui não se pretende propor um tratado sobre esta nova abordagem terapêutica da filosofia. O segundo passo será a apresentação sem muitos detalhes da historicidade de um dos maiores mestres do Ocidente: Santo Agostinho. Por fim, a intenção é caminhar ao lado deste doutor da busca humana ao longo de sua inquieta vida. Inquieta até encontrar o objeto de sua busca.

Percorrido este caminho, a pesquisa tem por objetivo principal, identificar e desenvolver alguns tópicos do submodo busca em Santo Agostinho. É importante destacar, este procedimento pode ou não, ser aplicado na clínica. Sempre, impreterivelmente, deve-se observar a demanda de cada partilhante. Afinal, em filosofia clínica sempre se parte da pessoa para a teoria.

¹ LUCAS, Miguel. Conhecer-se: Um caminho Para Ser Feliz. Pág.: 5.

A FILOSOFIA CLÍNICA

Antes da pergunta sobre o submodo busca, existe outra: o que é a filosofia clínica? Toda definição tem seus limites, neste caso não é diferente. Segundo Lúcio Packter, seu fundador, “*a Filosofia Clínica apresenta sentido somente quando relacionada à pessoa dentro de um exercício de psicoterapia*”.²

Pode-se concluir que a filosofia clínica é o uso do conhecimento filosófico na psicoterapia, ela é a atividade filosófica aplicada à terapia do indivíduo. Lembrando que a psicoterapia tem uma concepção anômala na versão filosófico-clínica.

Seus subsídios são extraídos quase que exclusivamente de escritos, teorias e autores da própria filosofia. A ausência de tipologias é outra característica. Na filosofia clínica não é habitual o uso de termos como: patológicos ou normais, doentes ou saudáveis. Os medicamentos e drogas também ficam de fora.

Sua missão inicial é localizar existencialmente a pessoa através dos exames das categorias. Após a localização existencial, são estudados a estrutura de pensamento e seus respectivos submodos informais associados. A última ação do filósofo clínico é a aplicação direta e continuada de submodos construídos a partir da especificidade de cada pessoa.

A Filosofia Clínica é a filosofia acadêmica direcionada à clínica, realizada unicamente por filósofos formados em faculdades reconhecidas pelo Ministério da Educação. A sabedoria e os ensinamentos filosóficos são a base para a clínica. Na terapia, o profissional da clínica filosófica, usa seus conhecimentos com métodos e fundamentações.

Seu principal foco são as questões metapsicológicas. O objetivo é trazer as respostas para aquelas perguntas fundamentais que há muito seguem o indivíduo. Tais perguntas são identificadas a partir de uma agradável conversa entre o partilhante e o filósofo clínico. Assim, a empatia torna-se determinante. Em um grau adiantado do trabalho às vezes é difícil divisar quem é o filósofo e quem é o partilhante.

² PACKTER, Lúcio. Caderno de Exercícios A, Pág.: 6.

Em quietude atenta o filósofo vislumbra uma delicada estrutura de translados; quieto, admira e se cativa com a ternura, a brutalidade, o feitio de um conceito que não lhe é dado a conhecer além de vê-lo simplesmente metamorfosear a suas vistas.³

O partilhante exerce uma epistemologia mais tranqüila sobre si mesmo, altera programas emocionais, e seguramente existenciais, o que ocorre durante o processo filosófico clínico mediante a vivência e o exercício da filosofia. Nasce a indagação racional sobre o mundo e o homem com o propósito de construir explicações tão próximas quanto se conseguir de algum critério tido como a verdade. O partilhante romperá as pressões sociais que o sufocam e aprenderá a olhar diferente o que por hábito lhe era igual.

Tudo em clínica é resultante da qualidade da interseção entre filósofo e partilhante. A relação filósofo-partilhante é essencialmente de amizade. De nada adianta dominar todos os métodos - e isto é digno de nota, em filosofia clínica há métodos e não método - se a qualidade da interseção for ruim. Por boa qualidade de interseção deve-se entender um relacionamento entre partilhante e filósofo fundamentado na sintonia, harmonia, amizade, interesse mútuo em proveito de uma causa.

Uma boa conversa é o início. Nessa primeira conversa o filósofo clínico deve, necessariamente, ter sempre em mente os ensinamentos de Protágoras: *“como cada coisa aparece para mim, assim ela é para mim; como cada coisa aparece para ti, assim ela é para ti. Isto é, o homem é a medida de todas as coisas”*. Outro filósofo deve ser trazido à baila, Schopenhauer. Ele ensinou que o mundo é uma representação do homem. É importante lembrar também sua advertência: *“o mundo vai muito além da representação”*. Por que estes filósofos?

Tendo a certeza de que tudo que for trazido pelo partilhante é assim para ele, o filósofo clínico deve ficar atento e não deixar que um amontoado de pré-juízos o atrapalhe. E ainda mais: é comum as pessoas trazerem assuntos com saltos temporais e lógicos. Sem nenhuma definição evidente sobre o contexto social, histórico ou geográfico. Nesta confusão e sobrecarregado de preconceitos, é impossível encontrar um referencial seguro

³ PACKTER, Lúcio. Caderno de Exercícios A, Pág.: 9.

em que as questões possam encontrar respostas que tragam de volta o “chão”. É preciso encontrar as coordenadas existenciais. Como trilhar este caminho?

O partilhante geralmente traz consigo um problema patente. É o que na filosofia clínica recebe o nome de assunto imediato. Nestes casos, o filósofo clínico, imediatamente começa a pesquisar filosoficamente as inter-relações associadas ao assunto. Após ter o histórico completo da pessoa, é preciso fazer uma análise mais profunda de alguns trechos que não ficaram devidamente entendidos por ambos. Esta pesquisa é chamada de exames categoriais. Eles findam quando o filósofo sabe localizar e contextualizar, com grande margem de aproximação, informações soltas ou agrupadas que a pessoa fornece.

Em filosofia clínica são trabalhadas cinco categorias nos exames: assunto (imediato e último), circunstância, lugar, tempo e relação. Com este método bem desenvolvido, o filósofo clínico pode descobrir com quais questões o partilhante lidava em cada época de sua vida. Conhecerá também todo contexto que envolvia tais questões e com isso é possível eleger os aspectos mais relevantes de cada situação. E ainda, terá uma noção de como a pessoa vivia não só sensorialmente, mas também, somaticamente em seu meio. Outro aspecto de grande importância é a possibilidade de considerar com maior propriedade a temporalidade nessa pessoa. Se o tempo para ela era subjetivamente longo, curto, fragmentado ou insignificante. Depois, é possível conhecer quais eram as relações determinadas a essa pessoa. E por fim, o filósofo terá um entendimento da interseção entre as cinco categorias.

Inicialmente, além da historicidade que já foi considerada, da lógica formal que estuda os conceitos, os juízos, o raciocínio e as leis do pensamento. Outra ferramenta filosófica é oriunda do empirismo inglês de Hume, Locke e Berkeley. Durante os exames categoriais, o filósofo clínico pesquisa os dados celulares e singulares, que deram origem aos conceitos particulares e universais. O filósofo procura indícios dos dados da experiência que deram origem às idéias complexas que a pessoa vive. Procura identificar a relação entre os conceitos e os dados sensoriais. É também por isso que o filósofo clínico associa ao logicismo formal o empirismo inglês, e associa os dois à analítica da linguagem e a epistemologia. Afinal, é preciso ter instrumentação clínica para poder pesquisar o conteúdo do termo, o significado, o uso, as ramificações.

O logicismo formal é o início imediato da clínica. Neste âmbito não existe espaço para irresponsabilidades, afinal, uma pessoa deve ser levada a sério. Não existe um modelo acabado e definitivo de partilhante, cada indivíduo carrega consigo suas experiências, seus problemas existenciais, suas frustrações, paixões, enfim, sua história. Neste caso, o filósofo clínico precisa estabelecer critérios para conhecer melhor a pessoa que está a sua frente. A meta é, tanto quanto possível, reconhecer e entender as interseções ou choques, entre os tópicos da estrutura de pensamento e, em seguida, utilizar os submodos para tentar trabalhar essas interseções tópicas. Agora, em que consiste a estrutura de pensamento? O que são os submodos?

É importante caminhar dando um passo de cada vez. Primeiro: Como é usado o logicismo formal na clínica? O primeiro procedimento após o contato inicial é retirar a historicidade da pessoa. Esta colheita deve seguir alguns critérios. O filósofo neste momento quer apenas documentar a história da pessoa contada por ela mesma. Ele reserva sua participação, sua função é impedir saltos temporais e zelar para que o discurso seja completo e ordenado. Tudo se limita a agendamentos mínimos. Em seguida, se faz necessário, o uso dos dados divisórios com o objetivo de pesquisar demoradamente segmentos relevantes do histórico. Tudo isso objetivando a localização existencial da pessoa.

Explorando bem o histórico da pessoa o filósofo pode examinar a fundo as cinco categorias. Assim, pode-se formar um conceito bem estruturado do mundo da outra pessoa: uma representação para si mesmo da representação do outro. Quando as cinco categorias são unificadas tem-se uma localização existencial da pessoa. Dado este primeiro passo o filósofo continua aperfeiçoando sua atividade através da elaboração da estrutura de pensamento.

Estrutura de pensamento é o modo como a pessoa está existencialmente no ambiente. Tudo o que ela conhece, sente, intui, tudo o que há em sua totalidade, isso é sua estrutura de pensamento. É a maneira como estão associados nela todos os seus sentimentos, entendimentos, seus dados éticos, epistemológicos, religiosos e o que mais houver. Elaborar tal estrutura exige alguns cuidados e critérios. A estrutura da pessoa não é algo fixo e imóvel como uma estrutura de ferro. Ela é móvel, plástica e poética. A cada

instante vão se processando milhares de modificações em uma determinada malha intelectual.

É importante entender como essas modificações se relacionam entre si mesmas. Só assim o conhecimento sobre a estrutura de pensamento ganhará maior profundidade e importância. Ao filósofo importa pesquisar o que de importante está acontecendo nessas inúmeras interseções. Às vezes é o somatório delas o urgente a considerar, ou algumas em relação a outras, ou ainda uma confusão entre elas, enfim, são milhares de possibilidades. O filósofo precisa estar atento e ser muito sensível. O seu objetivo fundamental nesta parte da clínica é ir tão próximo quanto possível daquilo que é urgente, emergencial, determinante na vivência da pessoa. Para isso ele precisa considerar todas as informações recolhidas através da interseção que estabeleceu com a pessoa e distribuí-las criteriosamente entre os 30 tópicos que compõem a estrutura de pensamento.

Como o mundo parece; o que acha de si mesmo; sensorial e abstrato; emoções; pré-juízos; termos agendados no intelecto; termos: universal, particular, singular; termos: unívoco e equívoco; discurso: completo e incompleto; estruturação de raciocínio; busca; paixões dominantes; comportamento e função; espacialidade; semiose; significado; padrão e armadilha conceitual; axiologia; tópico de singularidade existencial; epistemologia; expressividade; papel existencial; ação; hipótese; experimentação; princípios de verdade; análise da estrutura; interseções de estruturas de pensamento; dados da matemática simbólica; autogenia. Estes são os tópicos, cada um com sua particularidade. Eles são estudados para que o filósofo possa entender a estrutura de pensamento do partilhante. É sua missão descobrir entre os tópicos, choques, conflitos, más associações e uma infinidade de outros fatores. Agora, como cumprir tal missão?

A primeira coisa é recolher todas as informações que preencherão cada tópico diretamente da narrativa do partilhante. O filósofo deve sempre usar os três tipos de interpretação: literal, literal e lógica e via bom senso. A segunda é a autogenia, isto é, o estudo das relações entre os tópicos da estrutura de pensamento.

Segundo Lúcio Packter:

O filósofo clínico busca sentir a pessoa, o modo como toca, como olha, fala, como se movimenta, como se relaciona com o meio onde vive; o filósofo busca conhecer como esta pessoa está estruturada, quais os pré-juízos, emoções, paixões dominantes, papéis existenciais, entre outros dados, e como eles se relacionam entre eles mesmos e com o ambiente. Então, o filósofo clínico, após três meses de clínica, mais ou menos, entenderá que aquela pessoa está estruturada de uma determinada forma e que por isso tende a funcionar de determinada maneira.⁴

Neste ponto passamos à terceira parte da filosofia clínica. Na primeira, os exames categoriais. Na segunda, a pesquisa da estrutura de pensamento. Agora, a questão é o que fazer clinicamente com os problemas encontrados na estrutura de pensamento da pessoa. Não espere modelos terapêuticos padronizados e acabados. A filosofia clínica exige muito trabalho. Afinal, a clínica é feita da pessoa para a teoria, e nunca ao contrário. Neste caso, o sucesso dela depende, necessariamente, do bom conhecimento de cada partilhante, único em todo o mundo. Excetuando os casos de emergência, que exigem uma ação rápida e não se tem tempo para os exames prévios.

O filósofo deve tirar todas as informações que colheu da historicidade da pessoa através dos exames categoriais e distribuí-las nos tópicos da estrutura de pensamento. Então, a partir dessa estrutura, única no mundo, ele dará a orientação da ação clínica. A cura está ou não, dentro da própria pessoa.

Imagine o que é conviver com alguém que não julgará suas ações, que não colocará você num enquadramento tipológico, que o acompanhará existencialmente respeitando o modo como você é, que estará ao lado quando for para ser e que evitará afrontamentos inúteis à maneira como você se estruturou.⁵

Não é lícito acreditar que o filósofo terá uma atitude totalmente passiva, aceitando e entendendo placidamente tudo o que lhe for trazido. Neste caso, o que ele vai trabalhar no partilhante, tendo em vista que a cada segundo milhões de novidades ocorrem na estrutura

⁴ PACKTER, Lúcio. *Filosofia Clínica: Propedêutica*. 3º edição. Porto Alegre. AGE, 1997, p 86.

⁵ PACKTER, Lúcio. *Filosofia Clínica: Propedêutica*. 3º edição. Porto Alegre. AGE, 1997, p 92.

de pensamento de uma pessoa? O que interessa realmente são os grandes choques entre tópicos, são as questões essenciais. Como saber quais são os pontos fundamentais a serem estudados e trabalhados?

As respostas sempre estão na estrutura de pensamento de cada partilhante. Se o filósofo a conhece bem, não terá dificuldade, não correrá riscos desnecessários. Tudo por conhecer bem a pessoa que está a sua frente e, por isso, não usar hipóteses e raciocínios frágeis. Depois que o filósofo identifica de forma segura as questões a serem exploradas em clínica, o próximo passo é descobrir qual ou quais dos 32 submodos ele vai trabalhar.

Pense bem: não parece agora uma contradição afirmar que dispomos de 32 maneiras, procedimentos clínicos, com os quais vamos trabalhar com as questões da pessoa? A aparente contradição já vai direto por água abaixo... Primeiro, o filósofo clínico não usa o nome técnica, por pressupor um modo rígido, um estereótipo. O filósofo usa o nome submodo, o modo de baixo para cima, condicionado irremediavelmente a ser subalterno à estrutura de pensamento. Os submodos são formas sem conteúdo.⁶

Conhecendo alguns aspectos da estrutura de pensamento do partilhante, o filósofo clínico saberá sobre seus desejos, imaginações, sentimentos e outros detalhes importantes que ajudarão na hora de iniciar o procedimento clínico. Com esses detalhes definidos de forma lúcida e responsável, determina-se, por exemplo, que o melhor a fazer é aconselhar simplesmente ou, quem sabe, levar o partilhante a uma profunda reflexão sobre alguns momentos marcantes de sua vida. Em outros casos, o que ajudaria bastante seria uma boa caminhada pelo parque, enfim, são milhares de possibilidades que vão se apresentando na medida em que aquela estrutura de pensamento, única no mundo todo, vai sendo desvelada.

Na estrutura de pensamento encontra-se tudo o que está na pessoa, conhecimento, aptidões, emoções, etc. Nos submodos, o que se apresenta é a maneira como informalmente a pessoa exercita aquilo que está nela. Assim como a estrutura de pensamento não é rígida e sim, plástica, poética, flexível, os submodos também são. Os exemplos em relação a eles chegam aos milhares. A pessoa de acordo com sua estrutura de pensamento pode encontrar

⁶ PACKTER, Lúcio. *Filosofia Clínica: Propedêutica*. 3º edição. Porto Alegre. AGE, 1997, p 100.

submodos eficazes. No entanto, é possível que encontre submodos contraproducentes ou aqueles que não dominam, e ainda, pode não encontrar submodos de expressão. Enfim, são inúmeras as possibilidades.

Então, de um modo geral, o filósofo clínico estudará quais submodos serão usados por critérios específicos: a pessoa já usa informalmente tal submodo? Ela usa com chance de eficácia? Quais outros submodos podem ser usados nesta EP? Quais submodos têm afinidade, acesso, adequação a esta EP? Quais submodos terão efeito sobre os problemas específicos a serem tratados nesta EP? [...] Na parte final da Filosofia Clínica, os filósofos aprendem a construir submodos a partir dos dados colhidos na EP da pessoa. [...] Os 32 submodos básicos são na verdade como as letras do alfabeto; conhecendo-os com intimidade e sabendo como eles se relacionam, o filósofo pode construir milhares de outros.⁷

A chamada tábua de submodos conta com 32 tópicos: em direção ao termo singular; em direção ao termo universal; em direção às sensações; em direção às idéias complexas; esquema resolutivo; em direção ao desfecho; inversão; recíproca de inversão; divisão; argumentação derivada; atalho; busca; deslocamento curto; deslocamento longo; adição; roteirizar; perceber; esteticidade; esteticidade seletiva; tradução; informação dirigida; vice-conceito; intuição; retroação; intencionalidade dirigida (filtro); axiologia; autogenia; epistemologia; reconstrução; análise indireta: função, ação, hipótese, experimentação; expressividade; princípios de verdade.

Na prática, o filósofo usa os submodos mesclados. Se você parasse subitamente a clínica para perguntar quais submodos ele está usando, é provável que o filósofo clínico precisasse pensar por alguns momentos antes de responder. [...] E o mesmo ocorre quanto à estrutura de pensamento da pessoa. Com a prática clínica, o filósofo fica cada vez mais apto a entender diretamente o todo, as relações, ainda que necessariamente tenha de considerar as partes, o dado celular. Porque na prática os tópicos da estrutura de pensamento se misturam quase que indistintamente.⁸

⁷ PACKTER, Lúcio. *Filosofia Clínica: Propedêutica*. 3º edição. Porto Alegre. AGE, 1997, p 114.

⁸ PACKTER, Lúcio. *Filosofia Clínica: Propedêutica*. 3º edição. Porto Alegre. AGE, 1997, p 122.

Na parte final da filosofia clínica é desenvolvida a matemática simbólica, essas divisões didáticas vão se dissolvendo aos poucos. O trabalho do filósofo clínico vai se intensificando cada vez mais. O estudo passo a passo se torna mais complexo. É hora de enfrentar os tópicos anômalos, as associações raras e difíceis de serem nomeadas e descritas. São associações tópicas que somente aparecem como derivações de outras. As interseções entre os tópicos da estrutura de pensamento continuam sendo estudadas, agora com uma profundidade muito maior. O filósofo passa a observá-la como um todo.

Na matemática simbólica, o filósofo também vai deixando as palavras de lado, aos poucos. Ele passa a trabalhar com figuras. Os estudos de lógica, estética e filosofia da linguagem se aprofundam. Esses estudos são feitos após o curso de formação em Filosofia Clínica e após o filósofo clínico ter um mínimo de dois anos de experiência clínica. Até o momento apenas um terço da matemática simbólica foi estudada pelos filósofos clínicos.⁹

É notório que existe ainda um longo caminho a percorrer. No entanto, muitos passos já foram dados. A filosofia clínica vem mostrando seu valor a cada dia que passa e assim, conquistando seu espaço com muita responsabilidade e competência.

Depois de se fazer essa viagem um tanto superficial, afinal, não é o objetivo deste trabalho se tornar um tratado sobre filosofia clínica, é hora de se conhecer um pouco da historicidade de Santo Agostinho. Para, a partir daí, entender um pouco melhor o submodo busca neste ilustre partilhante.

⁹ PACKTER, Lúcio. *Filosofia Clínica: Propedêutica*. 3º edição. Porto Alegre. AGE, 1997, p 126.

A HISTORICIDADE DE SANTO AGOSTINHO¹⁰

O ser humano é excepcional e único. É possível descobrir a razão profunda desta sua singularidade na espiritualidade da alma. Costuma-se dar um nome compreensível à singularidade do ser humano: diz-se que o homem, ao contrário das outras coisas que o circundam, é uma pessoa. Para alguns, a pessoa significa o que de mais nobre há no universo.

O homem é pessoa porque é dotado de um modo de ser que supera nitidamente o modo de ser das plantas e dos animais e isso foi evidenciado amplamente tanto na parte fenomenológica, examinando as várias dimensões do homem, como na parte metafísica, estudando a sua estrutura ontológica. Ora, o que é absolutamente peculiar ao seu ser com relação ao das outras coisas deste mundo é que, não obstante a sua autonomia no ser, não obstante a sua clausura ontológica, não obstante a sua força individual, ele conserva uma extrema abertura intencional, tanto no conhecer quanto no querer, pela qual é capaz de toda sorte de comunicação com as coisas, com os outros, com Deus.¹¹

As pessoas por mais semelhantes que possam parecer são profundamente diferentes em seus aspectos acidentais. Até mesmo esta abertura intencional própria da natureza humana pode manifestar-se de várias formas. Algumas vezes negando a possibilidade de comunicação com o mundo exterior, por exemplo. Tudo isso dentro de seus limites naturais, é claro. Afinal, o homem não pode negar por completo sua natureza. O que não deve ser desprezado nunca são as inúmeras possibilidades que o ser humano carrega em si mesmo.

É importante lembrar que a filosofia clínica parte sempre da pessoa para a teoria. No presente trabalho um aspecto precisa ser bem entendido: o que será analisado nesta

¹⁰ Toda a historicidade de Santo Agostinho foi retirada de sua obra chamada Confissões.

¹¹ Mondin, Batista. O homem, quem é ele? Pág.: 296

pesquisa é o submodo busca em Santo Agostinho. Levando em consideração a sua historicidade, a sua busca como ser humano, como pessoa, única, singular. Há pessoas que trilham caminhos totalmente diferentes, há aquelas que não querem caminhar, outras nem se dão conta do caminho ou não acreditam nele, enfim, existe uma infinidade de casos. Imagine agora Aurelius Augustinus diante de um filósofo clínico, não levando em consideração que ele foi um por excelência.

Agostinho chega, preenche uma ficha contendo dados básicos: nome, data de nascimento, escolaridade, histórico médico, motivos para ter procurado os serviços do filósofo clínico, atividade profissional e informações complementares que possam ter relevância no momento. Inicia-se então uma conversa informal, o objetivo é colher um quadro atualizado e superficial da vivência do grande mestre da Antigüidade. Os agendamentos mínimos são sempre necessários e inevitáveis.

Diante das indescritíveis variações, este ilustre partilhante não chorou, não se arrependeu de ter ido à clínica, não fez um silêncio sem fim. Simplesmente contou serenamente sua história que passo a transcrever na íntegra como foi contada pelo próprio partilhante: Eu nasci no dia 13 de novembro de 354, em Tagaste, na província romana da Numídia, na África. Em Tagaste e Madaura, cidadezinha próxima, fiz meus primeiros estudos e deveria parar por aí, mas meu pai sacrificou-se para dar-me uma educação liberal que poderia abrir as portas do magistério ou da magistratura. Para isso valeu-se de um amigo rico, Romaniano, que o ajudou a enviar-me para Cartago, onde completaria os estudos superiores.

Não fui propriamente um bom aluno; freqüentemente era espancado por gazetear e principalmente por detestar a língua grega. Tive problemas mais tarde por causa disso. Gostava, no entanto, de ler na minha própria língua, minha cultura é essencialmente latina. Ao ler um diálogo de Cícero chamado Hortênsius algo mudou dentro de mim, senti que um imenso horizonte abria-se a minha frente. A obra era um elogio à filosofia, fiquei encantado com seu estilo. E me perguntava: por que minha mãe insiste tanto para que eu leia a Bíblia? A chamada escritura sagrada parece-me tão vulgar e indigna de um homem culto.

Outro ponto importante: antes de me interessar por questões intelectuais, minhas atenções estavam voltadas para as coisas mundanas. Era um grande prazer praticar algumas

pequenas más ações, comuns a todo adolescente, como roubar pêras no quintal do vizinho pelo gosto de enfrentar o proibido. Uma coisa mais séria, entretanto, foi minha ligação amorosa, um escândalo. Nem se quer pude casar-me, mas fui fiel à mulher que amava e com ela tive um filho: Adeodato. Que faleceu tragicamente ainda em plena adolescência.

Não eram só os prazeres dos sentidos e o interesse pela filosofia os centros de minha vida ao findar a adolescência. Antes que completasse vinte anos, meu pai morreu e tive que abraçar os pesados encargos de duas famílias. Então, voltei para Tagaste e abri uma escola, logo depois transferi-me de novo a Cartago, a fim de ocupar o cargo de professor da cadeira municipal de retórica. As pessoas diziam que eu era um excelente professor, não sei. A maior parte dos alunos, no entanto, fazia os cursos apenas para cumprir obrigações familiares e sociais e, conseqüentemente, não se interessava muito pelas aulas. Fiquei cansado e irritado por uma juventude tão turbulenta, depois de quase dez anos resolvi partir para Roma.

Enquanto não pude transferir-me para Roma, continuei me dedicando à filosofia, apesar de minha limitação. Ignorar a língua grega, a mais culta da época, não deixa de causar problemas. Esta limitação fechava-me as portas dos melhores centros de estudos, como Atenas e Alexandria. Foi quando deixei-me seduzir pelas doutrinas dos maniqueus, que afirmavam a existência absoluta de dois princípios, o bem e o mal, a luz e as trevas. Fiquei ansioso para conhecer Fausto, um dos grandes chefes da seita, homem louvado por sua alta sabedoria. O encontro foi decepcionante do ponto de vista das indagações intelectuais. As únicas coisas que chamaram a atenção foram sua capacidade de convencer e sua eloqüência.

A viagem para Roma foi movida pela esperança de encontrar alunos mais tranquilos. Meus amigos afirmavam também que lá eu teria maiores lucros e considerações. Minha mãe é claro, temia por meu futuro e fazia de tudo para impedir a viagem, tive até que enganá-la na hora da partida. Em Roma não fiquei muito tempo. Logo fui para Milão, residência imperial, onde ocupei um cargo de professor de retórica. De manhã dedicava-me aos cursos e à tarde percorria as antecâmaras ministeriais, afinal, essa era a maneira correta de subir na vida, dentro do grande império. Fiz isso sem muito empenho, estava imerso em graves questões intelectuais e existenciais.

O maniqueísmo já não me atraía mais, passei a freqüentar a academia platônica. Em relação às minhas preocupações existenciais, me afligia o fato de não poder casar-me com a mulher amada. Minha mãe insistia para que eu a abandonasse e procurasse outra, segundo as leis do mundo e os preceitos cristãos. A mulher que eu amava foi mandada de volta para África e fez voto de jamais conhecer outro homem. Meu filho ficou. Agora eu tinha que esperar legalmente dois anos para casar-me com outra mulher de minha escolha. O problema é que dois anos é muito tempo para quem sente tão fortemente o apelo da sensualidade. Uma concubina foi a solução. Mesmo assim, não estava bem, havia um vazio enorme.

Logo depois comecei a ouvir com certa freqüência um bispo chamado Ambrósio. Depois de alguns meses algo mudou novamente. Surgiu uma nova espécie de debate interno que durou até agosto de 386, quando ouvi o canto infantil repetido diversas vezes no jardim: *tolle, lege, tolle, lege*. Encontrei um livro, ao abri-lo me deparei com as seguintes palavras do apóstolo Paulo: “*nada de muita comida e muita bebida, nada de farras ou brigas. Vamos nos revestir do Senhor Jesus e não ceder aos maus desejos*”. Parece estranho, mas senti que não precisava mais procurar esposa nem abrigar qualquer esperança do mundo. A vontade agora era penetrar naquela regra de fé, por onde, há muito, minha mãe caminhava.

Pude perceber, com certa dificuldade, que esta nova estrada era estreita, mas segura e luminosa. Para caminhar por ela eu concluí que precisava desviar-me inteiramente daquela outra, de comunidades mundanas e sensualidade pecaminosa. Em primeiro lugar, deveria desfazer-me do cargo de professor municipal. Isso não foi difícil. Em seguida me refugiei numa propriedade rural de um amigo, onde descansei das angustias junto com minha mãe, meu filho e alguns amigos.

O passo seguinte seria o batismo na páscoa, como era costume na Igreja. Minha mãe tinha atingido o objetivo pelo qual lutara a vida toda e poderia esperar tranqüila a morte, que realmente ocorreu alguns meses depois, no outono de 387. Eu fiquei desolado por ter perdido a mãe, mas por outro lado tinha diante de mim um futuro de verdadeira alegria e esperança. Voltei a Tagaste, vendi as propriedades de meus pais e, trazendo para perto alguns amigos mais fieis, organizei uma espécie de comunidade monástica. Ali

pretendia passar o resto da vida em recolhimento, aprofundando minha vocação religiosa e fundamentando racionalmente a fé que acabei de abraçar.

No entanto, nem tudo ocorreu como eu queria. Vivi como planejado por três anos. Pude escrever alguns livros e refletir muito sobre mim mesmo e o mundo que me cercava. Num dia do ano 391, entrei na Igreja de Hipona, ouvi o bispo Valério propor à assembléia de fieis a escolha de um coadjutor das funções sacerdotais, especialmente para o ministério da pregação. Aí o povo gritou: Agostinho, presbítero! Não gostei, mas tive que atender ao chamado de Deus. Desde então fui obrigado a deixar de lado as pretensões de me limitar à meditação teológica. As exigências do ministério e, principalmente, as funções pastorais revelaram-me exaustivas e pouco tempo me sobrava. Então, aos 36 anos era um vigário, com 41, bispo coadjutor de Valério, logo depois, seu sucessor. Já estou neste ofício há vários anos. Esta é minha história de vida. Neste ponto Agostinho encerra seu discurso. Começa uma nova etapa da clínica.

Neste caso específico, o partilhante coloca sua história de vida com uma lucidez que assusta. Em filosofia clínica Protágoras deve sempre ser lembrado. Ele afirmou que a pessoa é a medida de todas as coisas. A primeira lição fundamental em clínica é que as experiências pessoais, ou seja, o que a pessoa vive, sente, afirma, imagina, faz, isso é assim para ela. Outro filósofo, Arthur Schopenhauer, retomou o assunto e ensinou que o mundo é uma representação também pessoal, apesar de advertir que o mundo vai muito além desta representação. É verdade que aqui esbarramos em uma questão moral. Tal problema não é objeto deste trabalho. Neste caso, a pergunta que interessa é a seguinte: que medida o partilhante vive em todas as coisas? Qual a sua representação de mundo?

Os pré-juízos são inevitáveis, mas agora é preciso deixá-los de lado. Importa saber quem foi realmente Agostinho? Temos um esboço bem definido nas Confissões. Nesta obra o notório partilhante apresenta sua própria historicidade de forma invejável. Tudo está muito ordenado. Não faltam as coordenadas existenciais. É hora de enraizar bem os conceitos e fazer os exames categoriais. Neste ponto o filósofo deve pesquisar demoradamente aqueles trechos mais relevantes que não ficaram devidamente claros para ambos.

A primeira categoria denomina-se assunto, o objeto de que se trata. O filósofo quer saber o que faz a pessoa procurar por seus serviços. O assunto imediato é somente um referencial de começo. O assunto último é o que verdadeiramente importa. É verdade que muitas vezes os dois podem coincidir. A segunda categoria é a circunstância, o somatório de singularidades que acompanham uma situação, o contexto que envolve a pessoa. Depois, temos a categoria lugar. Quando o filósofo estiver pesquisando esta categoria deve considerar que o corpo da pessoa é o somatório de seus modos de existência. Lugar é o modo sensorial de ser da pessoa em cada endereço da categoria anterior, circunstância. A categoria lugar informará o quanto de sua somaticidade a pessoa viveu em cada época de sua vida e em qual situação a pesquisa precisa ser mais específica. Em seguida vem a categoria tempo. Aqui interessa saber qual o relacionamento entre o tempo convencional e o tempo subjetivo. O tempo que realmente interessa na clínica é o tempo que a pessoa tem representado em si mesma. Por último, a categoria denominada relação. O comportar-se de determinada maneira em referência a alguma coisa. Em conformação com o lugar, tempo e circunstância, a relação é sempre específica e individual. Cada pessoa cria um modo íntimo de se relacionar com as coisas, o que inclui a relação com ela mesma. O que foi verdadeiramente marcante na vida do grande bispo de Hipona? Que pontos realmente imprescindíveis esta personalidade que resiste ao tempo traz consigo e se pode destacar?

É difícil analisar uma mente tão brilhante como a do Doutor Hiponense. Etienne Gilson chegou a afirmar:

É impossível comprimir o pensamento de Agostinho num molde preconcebido sem arriscar-se a perder o que há nele de melhor e de mais característico. Só nos resta, pois, um caminho [...] o de nos deixarmos conduzir por ele próprio, e acompanharmos com docilidade o ritmo natural de seu pensamento. E este não evolui em linha reta, senão que gira constantemente em torno de um centro único, que é Deus.¹²

Mais um motivo para a filosofia clínica não trabalhar com moldes preconcebidos. Afinal, não é só no caso de Agostinho que se torna impossível compreender alguém a partir

¹² GILSON, Etienne. História da Filosofia cristã. 7ª Edição. Petrópolis, RJ, 2000. Pág. 142.

de conceitos estáticos, rígidos. Cada pessoa, por mais simples que possa parecer, carrega consigo suas próprias experiências, conseqüentemente, suas complexidades singulares. Agostinho, em especial, traz como assunto imediato sua inquietude. Sabe-se que o assunto imediato é somente um referencial de começo, o que realmente importa é o assunto último. Já foi mencionado também que eles muitas vezes podem se coincidir. Neste caso específico, o assunto último é fruto desta inquietude. Agostinho se sente incompleto e vazio porque procura por algo que ainda não encontrou.

As circunstâncias que envolvem o notável africano são surpreendentes. O somatório de suas singularidades se desenvolve em situações cada vez mais complexas e ao mesmo tempo, belas. Foi de sua virtuosa mãe que Agostinho recebeu as primeiras noções acerca de Deus. Entretanto, o jovem foi educado na mais crassa ignorância do cristianismo. A precária instrução recebida de Mônica não se revelou suficiente para neutralizar as influências da educação pagã que lhe foi ministrada na escola de Tagaste e em Madaura. Alcançada a idade de 16 anos, retornou à casa paterna, onde passou um ano na ociosidade, enquanto seu pai providenciava os meios necessários para mandá-lo a Cartago. Por esse tempo começou Agostinho a entregar-se a toda sorte de excessos.

No ano seguinte foi a Cartago para cursar retórica. Na metrópole, precipitou-se desenfreadamente na vida que ele mesmo chamou de devassa. Afeiçoou-se apaixonadamente ao teatro. E não tardou em associar-se àquela mulher que iria ser mãe do seu filho Adeodato. Apesar de tudo, freqüentava de vez em quando a Igreja, mas sem manifestar grande interesse pelo culto. Em 373, Hortênsio, um diálogo de Cícero, desperta uma nova vida em Agostinho. Ele entregou-se radicalmente à leitura deste tratado e foi encaminhado para o cultivo da sabedoria. Houve aqui um despertar para a vida filosófica. O partilhante diante desta nova realidade chega a estudar a Bíblia, mas considera seu estilo e sua linguagem extremamente ordinários e toscos. O Grande mestre sentiu-se desorientado: saíra em busca da sabedoria a conselho de Cícero, mas não a encontrava; desejava ser cristão, mas desagrava-lhe a forma externa do cristianismo. Neste estado tomou conhecimento da seita maniqueísta. Aderiu, pois, ao racionalismo deles, sentindo-se assim, mais à vontade. No entanto, em pouco tempo a tal inquietude volta a incomodar.

A raiz mais profunda de todos os seus erros, porém, era o seu próprio orgulho. Este o levava a inverter a ordem natural, pondo toda sua confiança em si mesmo e

preferindo o saber à fé, ao invés de primeiro deixar-se orientar humildemente pela autoridade. Tendo-se abalçado a buscar a verdade sem guia seguro, não era de admirar que, uma vez desiludido do maniqueísmo, o jovem racionalista viesse ter ao ceticismo.¹³

Agostinho descobre a noção de espírito. O contraste entre letra e espírito é apenas um exemplo da oposição muito mais compreensiva entre matéria e espírito em geral. O materialismo prático impedira Agostinho de ultrapassar o sentido concreto e imediato das palavras e imagens escriturísticas. Mas eis que os sermões esclarecedores de Ambrósio começam a descortinar-lhe o significado profundo, e até então insuspeitado, que se oculta sob a roupagem figurativa da letra. As explanações do bispo de Milão sobre os livros da Lei e dos Profetas lhe causaram grande prazer, tanto mais que experimentara em sua própria pessoa que a “letra mata”.

Apesar de não acreditar, ainda, na doutrina proposta por Ambrósio, Agostinho reconhece não ser absurdo principiar pela fé. Embora continuasse indeciso quanto a esta interpretação, o certo é que seu sentimento de segurança recebera golpe mortal. Começa a dar-se conta dos erros que cometera. Nasce uma nova investigação. Para render-se completamente à fé, urgia erradicar primeiro aquele mal básico que estava na origem do seu racionalismo: a presunção.

Embora já houvesse abandonado o maniqueísmo, Agostinho não superara ainda o materialismo filosófico próprio daquela seita. Estava às portas da Igreja, mas a ignorância da verdadeira natureza do espírito vedava-lhe o ingresso. O ansioso jovem luta para superar a ignorância e dissipar suas dúvidas angustiantes, ocorreu um fato decisivo para seu desenvolvimento futuro: o encontro com o neoplatonismo. Esse encontro lhe proporcionou uma metafísica do espírito que o ajudou decisivamente. A leitura destes escritos impressionou-o profundamente. Levou-o até mesmo a uma experiência mística. Percorrendo este caminho Agostinho solucionou muitos de seus problemas. Muitos, não todos.

[...] Sua alma continuava a sofrer, desesperada de alcançar a verdade. A quem recorrer? Começou a apartar-se gradativamente do maniqueísmo... por outro lado,

¹³ GILSON, Etienne. História da Filosofia cristã. 7ª Edição. Petrópolis, RJ, 2000. Pág. 144.

porém, não se lhe abria ainda o entendimento para a doutrina da Igreja. Não é de estranhar que, nestas circunstâncias, ele voltasse para aquela filosofia que mais condizia com seu estado de alma, o ceticismo. Agostinho é, agora, um maniqueu tibio e um cristão confuso. Suas dúvidas não se restringem a uma ou a outra doutrina: estendem-se à própria possibilidade de obter qualquer conhecimento certo acerca das verdades mais decisivas e vitais.¹⁴

O problema que agora o preocupava era, pois, o seguinte: como é possível alcançar uma verdade certa e incontestável a respeito das coisas invisíveis? Desta vez, ainda, foi no platonismo que Agostinho encontrou o que procurava. Convenceu-se, de súbito, da existência de uma realidade supra-sensível, isto é, de um mundo espiritual, e, acima deste, de um Deus, verdade segura e Luz imutável. Esta experiência e esta súbita intuição bastaram para seu convencimento pessoal. Entretanto, o incansável investigador não se deu por satisfeito. Muitos sentimentos ainda o afligiam.

Não é pouco trabalhoso tentar deduzir o que Agostinho viveu em cada época de sua vida. O seu modo sensorial de ser em alguns contextos chega a ser um grande mistério. Portanto, mensurar como ele se sentiu, o que pensou, isto é, qual representação mental criou para si mesmo, não deixa de ser um grande desafio. Uma coisa é certa: em cada lugar existencial que esteve, o inquieto pensador jamais pensou em divorciar a teoria da prática, um mundo de outro. Tentou fugir de si mesmo algumas vezes, mas logo se restabeleceu e enfrentou seus traumas. O grito de suas obras é uma interpretação de sua própria vida. E esta se resume numa busca ininterrupta de Deus. Basta conhecê-lo um pouco mais para se verificar que ele encontrou Deus tanto pela razão como pelo amor; e, no entanto, em cada linha das Confissões continua a transparecer a saudade de Deus e a inquietude da sua busca.

Agostinho procura a Deus como quem sabe e ama o que busca, ainda que sem possuí-lo. Ele nunca pôs em dúvida a existência de Deus. Por isso o seu problema vital não se exprime na pergunta: que devo procurar? E sim nesta outra: de que modo devo buscá-lo a fim de encontrar repouso na sua posse definitiva?

Então, como vos hei de procurar, Senhor? Quando vos procuro, meu Deus, busco a vida feliz. Procurar-vos-ei, para que a minha alma viva. O meu corpo vive da

¹⁴ GILSON, Etienne. História da Filosofia cristã. 7ª Edição. Petrópolis, RJ, 2000. Pág. 148.

minha alma e esta vive de Vós. Como procurar, então, a vida feliz? Não a alcançarei enquanto não exclamar: basta, ei-la. Mas onde poderei dizer estas palavras? Como procurar esta felicidade? Como? Pela lembrança, como se a tivesse esquecido, e como se agora me recordasse de que a esqueci? Pelo desejo de travar conhecimento com a vida, para mim incógnita, ou porque nunca a cheguei a conhecer, ou porque já a esqueci tão completamente, que nem sequer me lembro de a ter esquecido? Então, não é feliz aquela vida que todos desejam, sem haver absolutamente ninguém que a não queira? Onde a conheceram para assim a desejarem? Onde a viram para a amarem? Que a possuímos, é certo. Agora, o modo é que eu não sei.¹⁵

Na verdade aqui, o grande mestre dá uma aula sobre a busca humana. Agostinho pergunta: por que razão o espírito humano se vê obrigado a buscar este longo caminho? A partir dessa pergunta uma coisa fica clara para ele: todo desejo de saber, todo esforço de conhecer, enfim, toda busca, é motivada por uma espécie de amor. É esse amor que instiga a busca. Outra coisa lhe ocorreu: o objeto principal de sua busca foi amado tardiamente.

Tarde Vos amei, ó beleza tão antiga e tão nova, tarde Vos amei! Eis que habitáveis dentro de mim e eu lá fora a procurar-Vos! Disforme, lançava-me sobre estas formosuras que criastes. Estáveis comigo, e eu não estava convosco. Retinha-me longe de Vós aquilo que não existiria se não existe em Vós. Porém chamaste-me com uma voz tão forte que rompeste a minha surdez! Brilhaste, cintilastes e logo afugentastes a minha cegueira! Exalastes perfume: respirei-o suspirando por Vós. Saboreei-Vos, e agora tenho fome e sede de Vós. Tocastes-me e ardi no desejo da vossa paz.¹⁶

Tarde Vos amei! Tarde. Qual o significado desta palavra para Agostinho? O que o tempo representa para ele? Qual a relação do seu tempo subjetivo com o tempo convencional da sociedade de sua época? Que é, pois, o tempo?

¹⁵ Confissões, Livro X, 20,29.

¹⁶ Confissões. Livro X, 27,38.

Confesso-Vos, senhor, que ainda ignoro o que seja o tempo. De novo Vos confesso também, Senhor - isto não ignoro -, que digo estas coisas no tempo e que já há muito que falo do tempo, e que esta longa demora não é outra coisa senão uma duração de tempo. E como posso saber isto, se ignoro o que seja o tempo? Acontecerá talvez que não saiba exprimir o que sei? Ai de mim, que ao menos sei o que ignoro... Em ti, ó meu espírito, meço os tempos.¹⁷

Diante de tantos embates existenciais, como Agostinho se comporta? Como se relaciona com toda esta realidade que o cerca, consigo mesmo, e com esta busca ininterrupta? Como viveu sua juventude? Sua maturidade? De que forma específica se reagia diante de cada contingência existencial? Enfim, qual o seu modo de ser no mundo? As respostas para estas e outras perguntas só podem ser encontradas na historicidade deste grande homem. No seu próprio discurso:

Quem me poderá recordar o pecado da infância, já que ninguém há que diante de Vós esteja limpo, nem mesmo o recém-nascido, cuja vida sobre a terra é apenas um dia? A infância não se afastou. Para onde fugiu então? Ó Deus, meu Deus, que misérias e enganos não experimentei, quando simples criança me propunham vida reta e obediência aos mestres... Fui mandado à escola para aprender as primeiras letras, cuja utilidade eu, infeliz, ignorava. Todavia batiam-me se no estudo me deixava levar pela preguiça... Encontrei, porém, Senhor, homens que Vos imploravam, e deles aprendi, na medida em que me foi possível, que éreis alguma coisa de grande e que podíeis, apesar de invisível aos sentidos, ouvir-nos e socorrer-nos. Ainda menino, comecei a rezar... Contudo eu pecava contra Vós, Senhor Deus.¹⁸

A mãe de Agostinho era 20 anos mais jovem do que o pai. Seus temperamentos eram muito diferentes. De seu pai não revela muitas lembranças. Já de sua mãe, escreve abundantemente. Seu pai era pagão, sua mãe cristã. Imagine o conflito. Desde muito pequeno, Agostinho foi obrigado a viver em um mundo onde a verdade precisava ser depurada. E sua adolescência?

¹⁷ Confissões. Livro XI, 25,32.

¹⁸ Confissões. Livro I, 8,13.

Da lodosa concupiscência da minha carne e do borbulhar da juventude exalavam-se vapores que enevoavam e me ofuscavam o coração, a ponto de não se distinguir o amor sereno do prazer tenebroso. Um e outro ardiam confusamente em mim. Arrebatavam a minha débil idade no despenhadeiro das paixões e submergiavam-me num abismo de vícios... Após abandonar-Te, continuei pobre, infeliz neste estado de efervescência, seguindo os impulsos da minha dispersão... Onde me encontrava eu? Como permaneci tanto tempo exilado, longe das delícias de vossa casa, aos dezesseis anos de idade, seguindo a carne, quando a loucura deste prazer tomou nas suas mãos o controle da minha pessoa.¹⁹

A juventude foi crucial para Agostinho. Experiências novas foram vividas. Algumas causaram um prazer imensurável, outras, uma dor quase insuportável. Nesta fase de sua vida compreendeu em sua própria carne aquilo que chamam de glória: o direito de amar sem peso e sem medida. Aos 18 anos viu seu filho nascer. E como não podia ser diferente, ele o amou muito e o viu crescer ao seu lado. Em meio a estas novidades, surge Cícero, que lhe revela através de Hortênsio que a autêntica felicidade não consiste em satisfazer os sentidos ou possuir riquezas, mas no prazer da contemplação da verdade. A leitura desta obra significou uma mudança de rumo na vida de Agostinho. Ele decidiu então, com toda força de seus dezenove anos, percorrer o caminho da verdade. É claro, nesse caminho encontrou diversos assaltantes.

Sofreu na carne também a morte do pai e, pouco tempo depois, a de um grande amigo. Chegou a odiar todas as coisas. Só as lágrimas lhe pareciam doces. A amargura era seu descanso. Não se conformava com o fato de outros homens estarem vivendo, depois de ter morrido o pai e aquele grande amigo. Agostinho não agüenta, não sente mais o chão debaixo de seus pés. A dor encheu de sombras o seu coração. Tudo o que via era morte. Seu coração procura fugir. Finalmente, decide fechar a escola e ir embora para longe.

¹⁹ Confissões. Livro 2,2,2.

Para onde o meu coração fugiria do meu coração? Para onde fugiria de mim mesmo? Para onde me não seguiria? Por isso fugi da pátria. Os olhos procurariam menos esse amigo lá onde o não costumavam ver.²⁰

Assim como para tantos outros jovens, também para Agostinho a adolescência não foi fácil. De volta à Cartago começa uma nova etapa de sua vida. Consegue reconhecimento, ganha alguns prêmios e escreve seu primeiro livro. Mas, as dúvidas continuam a perturbá-lo. Enfrenta novos desafios e decide se mudar para Milão, onde vive também uma grande mudança existencial.

Agostinho abandona definitivamente o maniqueísmo. Começa a freqüentar a Igreja porque gosta muito da oratória do Bispo Ambrósio. E, em seguida, começa a ler os neoplatônicos. Neste contexto acontece um episódio desconcertante em sua vida: por recomendação de sua mãe, ele abandona sua companheira de muitos anos e fica noivo de uma dama da sociedade de Milão. Esta tinha apenas 10 anos de idade e Agostinho, 31. Segundo a lei de sua época, a mulher deveria completar 12 anos para se casar. Mais um golpe na vida do inquieto partilhante. Aqui ele se sente falso, egoísta, ambicioso, luxurioso.

Mais um incômodo para Agostinho: as pessoas mais simples estão sempre com a luz da alegria. Enquanto ele, com toda a sua suposta sabedoria, anda sempre no escuro. Ele sente que pode voar e, no entanto, vive se arrastando pelo peso de sua própria vaidade. Quando isso se torna claro, Agostinho abre todo o seu ser ao cristianismo e encontra a paz que tanto procurava. Como Agostinho conseguiu percorrer este caminho? Ou melhor, por que escolheu este caminho e não outro?

Primeiro precisamos entender bem a estrutura de pensamento de cada pessoa, isto é, a própria pessoa. Só assim é possível compreender e respeitar a individualidade de cada um. Perscrutando as infindáveis possibilidades que a pessoa carrega consigo é possível entender o caminho percorrido por ela. E ainda mais, ajudá-la, se for o caso, a alcançar seus objetivos existenciais. Só assim o filósofo clínico conseguirá êxito com seu partilhante. Caso contrário, a clínica será um tiro no escuro. E uma coisa é certa, a clínica não é lugar

²⁰ Confissões. Livro IV, 7,12.

para incertezas geradas pela irresponsabilidade. Todos os passos devem ser dados com o máximo de cuidado.

Após os exames categoriais completos, com os respectivos e muitos dados divisórios, temos material para montar a estrutura de pensamento do partilhante. Normalmente, todos nós portamos uma estrutura de pensamento, ou seja, uma maneira singular de existir. Tudo que há na pessoa, tudo que ela conhece, sente, intui, enfim, tudo que faz parte de sua totalidade, isso é sua estrutura de pensamento. É de fundamental importância para o filósofo clínico conhecer o conjunto que forma a estrutura de pensamento e também suas partes pertinentes. Tal caminhada por vezes parece repetitiva e trabalhosa, não obstante, se revela extremamente necessária. Ele precisa entender, segundo sua natureza, como tudo funciona. Caso contrário, estaria simplesmente apostando em pressupostos confusos que poderiam levá-lo por um caminho completamente oposto do que se procurava objetivar.

É preciso tempo e muito trabalho para esclarecer dúvidas, possíveis enganos, aspectos pouco conhecidos. O filósofo agrupa todas as informações possíveis e as distribui entre os 30 tópicos da estrutura de pensamento. Lembrando que esta estrutura não é rígida. Os 30 tópicos se subdividem em centenas de outros. Cada tópico é preenchido segundo três critérios: assunto imediato, padrão e dado atualizado. Vale recordar, não é objetivo deste trabalho demonstrar o que caracteriza cada tópico da estrutura de pensamento. O que se pretende é dar uma visão panorâmica da filosofia clínica e, em seguida, apontar o desenvolvimento do submodo busca em S. Agostinho, tendo sempre em vista sua historicidade, sua estrutura de pensamento.

O SUBMODO BUSCA EM SANTO AGOSTINHO

O que quer dizer a palavra busca? Ao consultar um dicionário é possível encontrar uma série de significados: ato ou efeito de buscar; procura com o fim de encontrar alguma coisa; investigação cuidadosa; pesquisa; movimento íntimo para alcançar um fim. No contexto da filosofia clínica busca significa o devir, a esperança, o projeto pessoal, o para o onde se quer ir, a procura imediata e mais remota, o sonho guardado. Algo pequeno ou grande, mas sempre significativa a quem o possui. A busca, segundo Lúcio Packter, “*é plástica, muda e evolui, cresce e morre*”.²¹ A busca se refere à representação de vida e de mundo que a pessoa construiu para si mesma.

As pessoas podem ter várias buscas ao mesmo tempo. Umas fracas, outras fortes. Algumas antagônicas, complementares, fatais, concludentes. Também há quem tenha uma única busca existencial. Em determinadas ocasiões, o filósofo clínico não encontrará nenhuma busca definida em seu partilhante. Em outros casos, encontrará pessoas que desde a sua mais tenra idade já definiu sua busca, da qual nunca se afastou.

O trabalho do filósofo não é fabricar uma busca e atribuí-la à pessoa que, por um motivo ou outro, foi submetida aos seus cuidados. O que lhe interessa saber é se ela tem uma busca ou não. A busca é um dado subjetivo de aproximação. Pode ser resultante de uma coincidência, de uma má sorte, de um amor conflituoso, enfim, tudo depende das infinitas possibilidades que uma pessoa pode experimentar ao longo de sua vida. É imprescindível ter a certeza de que o conteúdo do coração humano às vezes não é um dado clínico. A didática terapêutica da filosofia clínica, evidentemente, não abraça a amplitude dos desdobramentos existências da criatura humana. Segundo seu fundador, “*seria um absurdo tentar decifrar e doutrinar tal universo com nossa pequena matemática simbólica*”.²²

²¹ PACKTER, Lúcio. Caderno de Exercícios C, Pág.: 90.

²² PACKTER, Lúcio. Caderno de Exercícios C, Pág.: 91.

No submodo busca é preciso dimensionar o caminho existencial que a pessoa provavelmente pretende caminhar. Tudo isso sem, em nenhum momento sequer, esquecer sua estrutura de pensamento. A tarefa não é fácil. Lúcio Packter afirma:

Austin e Ryle já mostravam que uma coisa ao ser expressa não é mais a mesma coisa, é uma tradução (que mais tarde viria a ser um submodo) [...] Meu problema é que de acordo com a maneira como a pessoa é (mais tarde, estrutura do pensamento), pode ser que haja uma identidade tão grande entre o que é sentido ou pensado e o que é expresso que praticamente não se verifique diferença, mas igualdade [...] Outra coisa me preocupa: a desvinculação entre ser e fazer [...] Os submodos foram as respostas a essas e outras questões.²³

Para entender melhor todo este processo, é preciso observar criteriosamente a didática dos movimentos clínicos em uma sucessão provável, ainda que nem sempre necessária. Depois de colher a historicidade do partilhante é preciso trabalhar os dados divisórios e, em seguida, os dados divisórios específicos. O próximo passo é a epistemologia ou enraizamentos. Com todos esses aspectos desenvolvidos, é hora de se estabelecer um parecer sobre a estrutura de pensamento tendo em vista seus assuntos últimos.

Neste momento da clínica, o filósofo deve ter estudado longamente a evolução da estrutura de pensamento do seu partilhante em sua historicidade e também suas conformações tópicas nos períodos e instantes considerados como assuntos últimos. Os tópicos determinantes são agora considerados longamente em uma autogenia, e isso sem perder de vista os exames categoriais, agora representados em tópicos como interseção de estruturas de pensamento. Apesar da atenção estar voltada para os tópicos que determinam a posição e a disposição existencial da estrutura de pensamento (EP), os tópicos que não apresentam determinação não são descaracterizados ou destacados. Seus fragmentos, além de terem aspectos constitutivos inseridos nos tópicos determinantes também são necessários porque servirão como pequenos tijolos que estruturarão os procedimentos clínicos que recebem o nome de submodos.

²³ PACKTER, Lúcio. Caderno de Exercícios I, Pág.: 223.

Como submodo, a busca implica em algumas providências clínicas objetivamente voltadas para foco existencial ao qual tende a pessoa. Estas providências envolvem:

Apoiar uma tendência; insistir em uma propensão; ousar por uma trajetória de vida; aconselhar e acompanhar a pessoa na caminhada existencial; recuar e fazer ver os motivos para os recuos ou avanços que, muitas vezes, somente podem se efetuar assim; conduzir, induzir, intervir e reforçar, via diferentes submodos, um rumo a ser cumprido; contornar, afrontar, acentuar trechos da vida; influir, silenciar, autorizar; ir à frente, ir junto, ficar e observar o percurso; analisar o percurso; abrandar, tornar hostil, desafiar um jeito de se conduzir.²⁴

Isto significa trilhar com a pessoa um caminho que se apresenta, de acordo com sua estrutura de pensamento, como necessário e que tende a levá-la a algo propenso a ser alcançado. Um lugar existencial qualquer que desperta o desejo. Segundo Lúcio Packter, *“de certo modo, trabalhar a busca de alguém é muito buscar a mesma coisa no mesmo contexto, mas evidentemente com outro significado”*.²⁵ Após os estudos que o filósofo faz na consideração da estrutura de pensamento, é preciso ficar atento ao caminho existencial que a pessoa percorre e também aos que se apresentam como possibilidade. É indispensável observar também, a maneira como tais experiências são vivenciadas. Uma pergunta deve estar sempre presente: é mesmo determinante percorrer este caminho?

Nem sempre é. Por vezes, se torna importante trilhar este caminho na esperança de se resolver outros problemas realmente grandes. É importante lembrar, para que tal procedimento seja trabalhado de forma responsável e eficaz, é necessário ser criterioso nos exames categoriais e na montagem da estrutura de pensamento. Isso possibilita uma boa margem de segurança. Afinal, *“estamos longe das ciências exatas quando trabalhamos a subjetividade de cada um, mesmo quando nos surpreendemos trabalhando com robzinhos existenciais”*.²⁶ Cabe ao filósofo, por aproximação, identificar as demandas de cada partilhante em especial, sempre da pessoa à teoria. Evidentemente, esta não é uma tarefa fácil.

²⁴ PACKTER, Lúcio. Caderno de Exercícios I, Pág.: 256.

²⁵ PACKTER, Lúcio. Caderno de Exercícios I, Pág.: 256.

²⁶ PACKTER, Lúcio. Caderno de Exercícios I, Pág.: 256.

Alguns casos exigem intervenções categóricas, unívocas, bruscas. Há outros em que o partilhante procura o filósofo clínico só para ter um acompanhante silencioso e discreto durante um percurso existencial difícil. Como se desejasse apenas uma companhia a distância, alguém que vai estar lá quando ele voltar a cabeça e olhar para trás. Há também quem vai precisar de um braço firme que sirva de amparo durante uma travessia difícil.

[...] muitas vezes a pessoa vai procurar pelo filósofo para viver buscas curiosas, como uma criança que brinca sozinha, mas que volta e meia procura a mãe com os olhos para se certificar de estar sendo acompanhada. Da mesma maneira, a pessoa pode querer que o filósofo apenas a acompanhe em silêncio enquanto ela percorre seu caminho existencial.²⁷

Trabalhar com pessoas é sempre um grande desafio. Na área de humanas não se pode falar em exatidão, precisão, certeza, ou coisas desse tipo. Na clínica é possível atuar com segurança e em paz. A atenção à estrutura de pensamento é fundamental, afinal, os procedimentos clínicos só apresentam sensatez se estiverem diretamente relacionados à estrutura de pensamento da pessoa. Os exemplos relacionados à busca chegam aos milhares. Para desenvolver a busca como submodo, existe uma infinidade de caminhos:

Por imperativos, advertências, assertivas categóricas; por acompanhamento; por afrontamento; por negativas, levando a pessoa a fazer exatamente o contrário; duvidando; interpretando; recorrendo a sucessivos atalhos; por esquemas resolutivos; por informação dirigida; [...] até as infinitas opções.²⁸

Todas as possíveis intervenções clínicas precisam, impreterivelmente, encontrar reciprocidade, acomodação, entendimento junto à estrutura de pensamento da pessoa que está de frente para o filósofo clínico. Caso contrário, seria uma completa irresponsabilidade. Um pulo no escuro, uma brincadeira. E, definitivamente, com pessoas

²⁷ PACKTER, Lúcio. Caderno de Exercícios I, Pág.: 257.

²⁸ PACKTER, Lúcio. Caderno de Exercícios I, Pág.: 258.

não se brinca. Agora, em relação a Santo Agostinho, como foi desenvolvida a sua busca? Primeiro, ele tinha uma?

Neste grande pensador da Antigüidade, é possível perceber uma grande angustia que parece acompanhá-lo desde sua mais tenra idade. Ele busca aquilo que acredita ser a verdade absoluta. A única coisa que pode trazer sentido e paz à sua vida. E enquanto não encontra o objeto buscado, sente uma grande carga de ansiedade e vazio. Ele está inquieto.

Sois grande, Senhor, e infinitamente digno de ser louvado. É grande o vosso poder e incomensurável a vossa sabedoria. O homem, fragmentozinho da criação, quer louvar-Vos; o homem que publica a sua imortalidade, arrastando o testemunho do seu pecado e a prova de que Vós resistis aos soberbos. Todavia, esse homem, particulazinha da criação, deseja louvar-Vos. Vós incitais a que se deleite nos vossos louvores, porque nos criastes para Vós e o nosso coração vive inquieto, enquanto não repousa em Vós.²⁹

João Paulo II, no discurso proferido no Ateneu Agostiniano, disse: *“para Agostinho, as duas grandes forças do espírito são a verdade e o amor, duas forças que estão enraizadas profundamente no espírito humano [...] Na percepção e na posse desta verdade consiste a nossa liberdade”*.³⁰ A verdade que liberta e faz feliz. O amor que traz sentido e impulsiona toda busca. Para Agostinho, todo desejo de saber, todo esforço de conhecer, enfim, toda busca, é uma espécie de amor. Segundo ele, é esse amor que instiga a busca.

Neste caso, o partilhante é uma alma apaixonada que, com sua experiência de pecado, de vaidade, de prazeres, de amizade, de amor, de liberdade, entre outras, descobre que deve buscar algo muito maior. O objeto de sua busca transcende sua própria natureza. Agostinho chega ao conhecimento da verdade, de Deus, do sentido de sua vida, quando a consciência de si mesmo se tornou clara e sincera. Ele enfrentou seus medos, desafiou os mecanismos que protelavam a opção fundamental de sua vida. Tudo isso quando assumiu todos os seus erros e fraquezas.

²⁹ Confissões, Livro I, 1, 1.

³⁰ L'Observatore Romano, 28/09/86.

Quando, por uma análise profunda, arranquei do mais íntimo toda a minha miséria e a reuni perante a vista do meu coração, levantou-se enorme tempestade que arrastou consigo uma chuva torrencial de lágrimas. Para as derramar todas com seus gemidos, afastei-me de Alípio, porque a solidão representava-se-me mais acondicionada ao choro. Retirei-me o suficiente para que a sua presença me não pudesse ser pesada.³¹

Na verdade, o doutor de Hipona começa a encontrar as respostas para seus problemas existenciais no momento em que, com grande humildade, enfrenta a si mesmo reconhecendo sua miséria e aceita seu ser criado e com uma busca específica: “*Criaste-nos, Senhor, para Vós, e o nosso coração vive inquieto enquanto não repousa em Vós*”. Nessa luta sobressai o valor de enfrentar a si mesmo e de aceitar-se, aceitando aquilo para qual fomos criados e do qual não podemos fugir sem causar-nos grave dano.

Agostinho aceita seu ser e sua culpa e, segundo seus prejuízos, o arrependimento se torna uma das formas mais poderosas de expressão da liberdade, e o faz retornar à verdade e nela descansar, verdade essa que se converte em ponto de partida para uma nova conduta. Cessa imediatamente a sua rebeldia e volta a ver com objetividade a realidade.

Desprendi-me um pouco de mim mesmo, e a minha loucura adormeceu profundamente [...] Despertei em vossos braços, e vi que éreis infinito, mas não daquele modo. Esta visão não provinha da carne. Olhei depois para outras coisas e vi que Vos deviam a existência, vi que tudo acaba em Vós [...] Vós sois Aquele que tudo conserva na verdade, como se tudo sustivésseis na palma da mão. Por isso todas as coisas são verdadeiras enquanto existem, e não há falsidade senão quando se julga que existe aquilo que não existe. Reconheci que cada coisa se adapta perfeitamente não só ao seu lugar, mas também chega a seu tempo.³²

Para este incansável pensador, em virtude de sua formação intelectual, o único caminho para se chegar à verdade era a razão. Isso explica a dificuldade em aceitar a Sagrada Escritura. Quando ele se abre a outros aspectos também presentes em sua estrutura

³¹ Confissões, Livro VIII, 12,28.

³² Confissões, Livro VII, 14,20.

de pensamento e experimenta uma nova conduta, a busca existencial se torna menos conflituosa. Ele encontra o sentido pleno de sua vida quando se abre completamente ao seu ser de forma integral. Sem desprezar nenhuma de suas dimensões.

Não me esforçava por aprender o que o bispo dizia [...] Contudo, junto com as palavras que me deleitavam, iam-se também infiltrando no meu espírito os ensinamentos que desprezava [...] Já não os podia discernir uns dos outros. Enquanto abria o coração para receber as palavras eloqüentes, entravam também de mistura, pouco a pouco, as verdades que ele pregava.³³

Quando o jovem Agostinho começou a freqüentar os sermões de Ambrósio, movido, inicialmente, por um interesse puramente literário, algo mais passou a fazer parte de sua estrutura de pensamento. Ele sentiu-se tocado pelas palavras do bispo, e depois de muitas lutas interiores fez-se batizar na Igreja Católica. O encontro com a verdade que ele buscava, provocou uma transformação em sua escala de valores, foi uma reformulação em seu estilo de vida. *“Doravante, somente a Ti quero; somente a Ti quero estar unido. É a Ti que eu procuro, a Ti quero servir, porque somente Tu és meu Senhor”*.³⁴ Encontrar a verdade para ele era encontrar o próprio Deus. As palavras do bispo de Milão lhe causaram grande prazer e, sobretudo, lhe auxiliaram a experimentar o que tanto buscava. O presunçoso racionalista reconhece agora não ser absurdo principiar-se pela fé.

Tudo isso não aconteceu da noite para o dia. Uma mudança como essa demanda tempo, assim como a clínica. O filósofo clínico deve ter paciência e trabalhar muito. Agostinho convenceu-se da existência de uma realidade supra-sensível, isto é, de um mundo espiritual, e, acima deste, de um Deus, Verdade segura e luz imutável. Numa espécie de vivência mística descortinou-se-lhe o panorama desta realidade supra-sensível e até mesmo supra-espiritual, e, a partir de uma intuição também espiritual, experimentou a transcendência divina.

³³ Confissões, Livro V, 14,24.

³⁴ Solilóquios, 1,3.

Aconselhado a voltar a mim mesmo, recolhi-me ao coração, conduzido por Vós. Pude fazê-lo, porque Vós tornastes meu auxílio. Entrei, e, com aquela vista da minha alma, vi, acima dos meus olhos interiores e acima do meu espírito, a Luz imutável. Esta não era o brilho vulgar que é visível a todo homem, nem era do mesmo gênero, embora fosse maior. Era como se brilhasse muito mais clara e abrangesse tudo com a sua grandeza (...) Essa Luz não permanecia sobre o meu espírito como o azeite em cima da água, ou como o céu sobre a terra, mas muito mais elevada, pois Ela própria me criou e eu sou-lhe inferior, porque fui criado por Ela. Quem conhece a Verdade conhece a luz Imutável, e quem A conhece, conhece a eternidade.³⁵

Segundo Etienne Gilson, esta experiência e esta súbita intuição interior bastaram para o seu convencimento pessoal. Entretanto, e nisto está a prova da profunda sinceridade do seu esforço investigador e da sobriedade do seu espírito filosófico, Agostinho não se deu por satisfeito de imediato. Ele passara pela terrível experiência da dúvida e da desesperança. Não obstante, sua filosofia é uma interpretação de sua própria vida. E esta se resume numa busca ininterrupta de Deus. *“De certo, sua busca não foi vã, nem lhe faltaram grandes descobertas; ainda assim, não cessou de procurar até o fim de sua vida”*.³⁶ Sua historicidade deixa transparecer a saudade de Deus e a inquietude de sua busca.

O mestre do Ocidente contempla sua própria alma e aprende a ajuizá-la corretamente a fim de tomar o lugar que lhe compete no conjunto das coisas. Para ele fica claro que a má concupiscência e a soberba levam o espírito a esquecer-se de si mesmo, devido aos seus apetites doentes e desordenados. Sua busca ganha uma direção: *“Eis que habitáveis dentro de dentro de mim, e eu lá fora a procurar-Vos”*. Estas palavras refletem bem a amarga experiência em sua estrutura de pensamento.

A leitura do Hortênsio de Cícero o despertara da tranqüila despreocupação de sua juventude. Começou a aspirar pela única sabedoria capaz de lhe trazer a felicidade. Do Hortênsio passara a Manés, de Manés a Plotino, e por fim, de Plotino a Paulo e a Cristo. Esta busca traduz uma inquietação latente, que chegou ao seu termo na descoberta da verdade. A inquietação deu lugar à paz, a agitação

³⁵ Confissões, Livro VII, 10,16.

³⁶ GILSON, Etienne. História da Filosofia Cristã. Pág.: 151.

à tranqüilidade e à felicidade inerentes à posse da verdade. Afinal, descobrir a verdade é descobrir a felicidade.³⁷

Em Agostinho a busca que é motivada pelo amor, encontra seu objeto no próprio ser, no mais íntimo de sua alma. Para ele a felicidade é mais íntima do que o seu próprio íntimo, e ela não precisa de nenhum intermediário para reger sua alma. “*Não é pelos corpos, nem pela natureza, que o espírito encontra a Deus; depara-O no mais íntimo da alma*”.³⁸ Para este inquieto partilhante, Deus é a vida da alma. Deus é para a alma o que a alma é para o corpo. Quantos partilhantes hodiernos vivem a mesma busca e talvez não encontram respostas nesse mundo tão frenético e pagão? Como viver uma interioridade tão aguda em uma cultura que só prega uma exterioridade repleta de superficialidade? Como contemplar a própria alma num lugar onde a pessoa é empurrada cotidianamente a ser quem não é, a estar onde não está, a ter o que não tem? Bom, as respostas a estas perguntas não é objeto deste trabalho, mas uma coisa é certa: o filósofo clínico terá muito trabalho pela frente.

Em sua maturidade, Agostinho acredita que todas as criaturas, inclusive as humanas, são simples degraus da escada que sobe até Deus. Os degraus da volta são: do exterior para o interior e do interior para além do espírito. Neste caso, quando interrogadas sobre Deus, as criaturas até as mais humildes, devem responder a uma só voz: “*Não somos Deus; foi Ele quem nos criou; busca-O acima de nós*”.³⁹ Pelo fato de haverem procedido de Deus, as coisas criadas são um meio de retorno a Deus para todas as almas amantes da verdade. A possibilidade do retorno é garantida pelo fato de todas as criaturas trazerem impressos os vestígios de Deus.

O retorno agostiniano se inspira na caridade humilde, que mantém o homem no seu lugar devido dentro da ordem cósmica, e lhe ensina a amar as criaturas em Deus e por Deus. E é por esta razão que sua alma não encontra repouso definitivo na criatura.⁴⁰

³⁷ GILSON, Etienne. História da Filosofia Cristã. Pág.: 167.

³⁸ GILSON, Etienne. História da Filosofia Cristã. Pág.: 167.

³⁹ Confissões, Livro X, 6, 9.

⁴⁰ GILSON, Etienne. História da Filosofia Cristã. Pág.: 184.

Se fosse questionado sobre sua própria pessoa, ou seja, sobre o que acha de si mesmo, Agostinho responderia: “*sou um simples sinal ou aceno de Deus, aliás, todas as criaturas apontam para além de si mesmas, e nos convidam a regressar a Deus*”. Como pré-juízo, ele não cessa de insistir no caráter obrigatório deste retorno e afirma que o homem não deve deter-se nas criaturas, nem repousar nelas. Isto supõem uma busca para a vida toda.

Percorri o melhor possível, com os sentidos, o mundo exterior. Observei em mim a vida do corpo e os próprios sentidos. Passei depois às profundezas da memória, a essas amplidões sucessivas, admiravelmente repletas de inúmeras riquezas. Observei-as, estupefato. Mas, sem Vós, nada pude distinguir. Contudo, reconheci que Vós nada disto éreis(...) Entre todas estas coisas que percorro, depois de Vos consultar, só em Vós encontro um reduto para a minha alma. Nele se reúnem os meus pensamentos dispersos, e nada de mim se afasta de Vós. Algumas vezes, submergis-me em devoção interior deveras extraordinária, que me transporta a uma inexplicável doçura, a qual, se em mim atingisse o fastígio, alcançaria uma nota misteriosa que já não pertence a esta vida.⁴¹

O partilhante em questão acredita na existência de uma ordem objetiva. E a condição para se alcançar a felicidade perfeita é, segundo sua estrutura de pensamento, o reconhecimento desta ordem. Tanto em seu entendimento como em sua vontade. No entanto, em suas hesitações causadas pela dúvida, se sentia ligado por cadeias. Sua vontade parece não desejar totalmente. Mas, quando contempla a verdade experimenta a liberdade plena, a felicidade perfeita segundo sua natureza lhe permite.

Ó Senhor, eu sou vosso servo, sim, vosso servo e filho de vossa escrava. Quebrastes as minhas cadeias; sacrificar-Vos-ei uma vítima de louvor. Fazei que meu coração e minha língua Vos louvem e todos os meus ossos exclamem: Senhor, quem há semelhante a Vós? Profiram eles estas palavras, e Vós, respondi, dizendo à minha alma: Eu sou tua salvação [...] Vós a verdadeira e suprema Suavidade [...] Vós, mais doce que todo o prazer [...] mais

⁴¹ Confissões, Livro X, 40, 65.

resplandecente que toda a luz, mas mais oculto que todo segredo, mais sublime que toda honra, mas não para os que se exaltam em si mesmos. Já o meu coração estava livre de torturantes cuidados, de ambição, de ganhos, e de se resolver e esfregar na sarna das paixões. Entretinha-me em conversa convosco, minha Claridade, minha Riqueza, minha Salvação, Senhor, meu Deus.⁴²

Agostinho apesar de hesitar na dúvida por algum tempo decide firmemente agarrar o livro e ler. “*Toma e lê; toma e lê*”. Seu semblante imediatamente se transforma. Ele agarra o livro, abre-o e lê o primeiro capítulo em que coloca os olhos: “*Não caminheis em glotonarias e embriaguez, nem em desonestidades e dissoluções, nem em contendias e rixas; mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e não procureis a satisfação da carne com seus apetites*”⁴³ Não quis ler mais, nem era necessário. Ele apenas acabou de ler estas frases e o seu coração foi penetrado por uma espécie de luz serena, com isso, todas as trevas da dúvida fugiram para bem longe. O vazio que o acompanhava durante toda a vida foi preenchido com o que há de mais sólido neste mundo, foi o que sentiu. Sua busca foi recompensada com uma felicidade imensurável.

Ficou claro que cabe ao filósofo clínico, após uma série de observações, detectar e definir bem as demandas de cada partilhante. Afinal, cada um carrega consigo particularidades que lhe são próprias. No caso de Agostinho, diante de uma infinidade de possibilidades de se trabalhar ou não, o submodo busca, ele só precisava de alguém para o acompanhar de forma silenciosa e, portanto, discreta. Talvez por timidez ou, quem sabe, ele apenas desejasse dar uma verdadeira aula sobre a busca humana para todas as futuras gerações.

⁴² Confissões, Livro IX, 1, 1.

⁴³ Romanos, 13,13.

CONCLUSÃO

Sois grande, Senhor, e infinitamente digno de ser louvado [...] Porque nos criastes para Vós e o nosso coração vive inquieto, enquanto não repousa em Vós. A vida feliz consiste em nos alegrarmos em Vós, de Vós e por Vós. Eis a vida feliz, e não há outra. Os que julgam que existe outra apegam-se a uma alegria que não é verdadeira [...] A vida feliz é a alegria que provém da verdade. Todos querem a alegria que provém da verdade. ⁴⁴

Santo Agostinho foi e sempre será uma fonte inesgotável de estudos. Com sua inquietude ensinou muito sobre a busca humana. Ajudou e pode ajudar ainda mais - com o bom desenvolvimento da filosofia clínica - o homem a encontrar o caminho que lhe é próprio.

A demanda se apresenta cada vez maior. Hoje não é difícil imaginar quantos sofrem porque não encontram um norte. O número dos que não conseguem definir bem a sua busca aumenta a cada dia. A contemporaneidade traz consigo um mundo cheio de incertezas. Apresenta, em muitos casos, uma subjetividade axacerbada que confunde e maltrata. Muitos não sabem mais o que buscar. Ou, se ainda existe algo a ser buscado. Lúcio Packter chama a atenção para o problema da busca humana:

Tenham na idéia que a busca pode apresentar variações insólitas. Às vezes a pessoa está alcançando algo pelo qual ela dedicou a vida e então simplesmente desiste, não quer mais. Outras vezes a pessoa precisa estar sempre à procura sem nunca encontrar. Eu sei, parece estranho. Mas isso acontece. Tem gente que não precisa, não quer, ou quer enquanto não alcança. Tem gente que gosta apenas de buscar, aprecia a própria busca e não exatamente o que pode alcançar com isso. Tem ainda outras pessoas que buscam o que vai acabar de vez com elas. Tem também as buscas longas demais para o tempo de uma vida [...]. ⁴⁵

⁴⁴ Santo Agostinho. Confissões.

⁴⁵ PACKTER, Lúcio. Caderno J, Pág.: 259.

Se a busca está presente de algum modo na estrutura de pensamento do partilhante, é preciso defini-la e trabalhá-la de modo responsável e produtivo. A principal missão do filósofo clínico no que diz respeito ao submodo busca é, caso haja abertura, trilhar com a pessoa o caminho que se apresenta em sua estrutura de pensamento como mais propenso e desejado. É, guardando as devidas proporções, buscar o mesmo que o partilhante busca. Só assim será possível entender bem a busca de alguém. Vale lembrar, o filósofo clínico vai ter, sem dúvida nenhuma, muito trabalho pela frente. Afinal, “a busca é plástica, muda e evolui, cresce e morre”.

A busca se refere à representação de vida e de mundo que a pessoa construiu para si mesma e esta representação, por vezes, pode causar muita dor. Daí a necessidade de se fazer um esboço muito bem elaborado da busca de seu partilhante. Para se trabalhar bem o submodo busca é preciso descobrir, de forma clara, o lugar existencial para onde a pessoa pretende se dirigir.

As pessoas têm às vezes várias buscas, umas fracas, outras fortes; algumas mesmas antagônicas; outras, complementares, fatais, concludentes. Também há quem tenha uma única busca [...] Em algumas ocasiões você não encontrará nenhuma busca definida na pessoa. Ela pode ter estruturado a vida em um deixar viver em que o hedonismo guia seu caminho existencial. Outras vezes, encontrará uma pessoa que desde os sete anos de idade já definiu sua busca, da qual não se afastou nunca [...] A busca é um dado subjetivo de aproximação [...] O que vai no coração humano às vezes não é dado ao conhecimento clínico [...] Portanto, quando não conseguir entender a busca de uma pessoa, trate de não inventar uma ou de diagnosticar fantasmas onde eles não existem.⁴⁶

Diante de tudo isso fica evidente que o trabalho do filósofo clínico não é fabricar uma busca, mas saber se o partilhante tem uma. Também não é difícil concluir que o submodo busca, assim como todos os outros, precisam, necessariamente, encontrar reciprocidade, acomodação e entendimento junto à estrutura de pensamento da pessoa. Caso contrário, o efeito da clínica pode ser desastroso.

⁴⁶ PACKTER, Lúcio. Caderno C, Pág.: 90.

BIBLIOGRAFIA

SANTO AGOSTINHO, *Confissões*; tradução de J. Oliveira Santos, S.J., e de A. Ambrósio de Pina, S. J. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

GILSON, Etienne. *História da Filosofia Cristã*. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

LUCAS, Miguel. *Conhecer-se: um caminho para ser feliz*. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 1996.

PACKTER, Lúcio. *Caderno de Exercícios*.

STRATHERN, Paul. *Santo Agostinho Em 90 Minutos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.